



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7429 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

SOBRE CRIANÇAS (DES)VIADAS E A AMIZADE COMO HETEROTOPIA QUEER NO CURRÍCULO ESCOLAR

João Paulo de Lorena Silva - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

Sobre crianças (des)viadas e a amizade como heterotopia *queer* no currículo escolar

Crianças (des)viadas povoam as cenas geográficas de um currículo. Fechativas e afrontosas, elas se movimentam e se espalham, produzindo e disseminando modos de vida transviados. Para sobreviver e resistir, criam bando e fazem da amizade um território heterotópico, um pequeno espaço de criação de possíveis e de afirmação da vida. Essas crianças e suas infâncias *queer* disparam a diferença no currículo, provocando tumultos e desestabilizando as normas de gênero e sexualidade. Desde suas corporalidades dissidentes, elas atestam que sempre é possível forjar pequenos acontecimentos, rebeliões moleculares, capazes de desobstruir caminhos para que a vida passe e prolifere. Trata-se de crianças que nos interpelam a vê-las, acolhê-las, ouvi-las e nos convidam a desenhar com elas currículos sensíveis e coloridos, capazes de hospedar a potência de suas vidas e corpos.

Para mapear as linhas e os traçados dessas crianças em um currículo escolar, este trabalho utiliza como estratégia metodológica a cartografia, compreendendo, assim, que “indivíduos ou grupos, somos feitos de linhas, e tais linhas são de natureza bem diversas” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 145). De acordo com Deleuze e Parnet (1998), algumas linhas que nos atravessam e constituem são segmentárias e duras. Trata-se de linhas que nos recortam em “segmentos bem determinados”, tais como: a família, a escola, o currículo, o trabalho, o exército, a fábrica, a aposentadoria, o hospital, a clínica, a história, o direito, entre outras. Molaes, essas linhas nos fixam em um território, operando de modo a estancar os fluxos e os devires. Há, contudo, uma segunda espécie de linhas, moleculares e flexíveis. Essas linhas “traçam pequenas modificações, fazem desvios, delineiam quedas ou impulsos”. Elas dizem respeito às conexões e aos acontecimentos que se passam, mesmo entre as linhas duras e segmentárias. Por fim, um território também é povoado por linhas de fuga, linhas que nos arrastam e fazem fugir alguma coisa. Sobre essas terceiras linhas “estão os devires que escapam ao controle, as minorias que não param de ressuscitar e de resistir” (DELEUZE, 2013, p. 195).

Ora, sendo as linhas “os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos” [...], cada coisa tem sua geografia, sua cartografia, seu diagrama” (DELEUZE, 2013, p. 47). A cartografia é, desse modo, a arte de fazer um mapa. Um mapa, na perspectiva aqui adotada, “é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30). Isso porque as

linhas que o constituem são diversas e funcionam ao mesmo tempo, conectando-se umas às outras, produzindo agenciamentos, acontecimentos e encontros. Um currículo, como qualquer território, é composto por muitas e variadas linhas. Desse modo, “um currículo é diferença por natureza; é pura diferença; é diferença em si. Afinal, é um território de multiplicidades de todos os tipos, de disseminação de saberes diversos, de encontros variados” (PARAÍSO, 2010, p. 15).

A pesquisa cartográfica que subsidia este trabalho foi realizada em um currículo dos anos iniciais do ensino fundamental, de uma escola pública de Belo Horizonte. Ao longo de um ano, cartografei as linhas e os traçados de crianças que, escapando às normas de gênero e sexualidade postas em funcionamento pelo currículo escolar, eram lidas como perigosas e (des)viadas e, por isso, desestabilizavam o ordenamento do currículo. O argumento desenvolvido, neste trabalho, é que as crianças (des)viadas que povoam o território curricular fazem da amizade uma heterotopia *queer*, de modo a resistir e existir na multiplicidade que as constitui. Uma “heterotopia”, conforme aprendemos com Michel Foucault, refere-se à criação de “lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los, [...] *contraespaços*” ou “[...] utopias localizadas” (FOUCAULT, 2013, p. 20). As “heterotopias *queer*”, nesse sentido, “existem em oposição aos espaços heteronormativos e são espaços onde os indivíduos procuram interromper os discursos heterossexistas”. Neles, “[...] os indivíduos tentam deslocar as configurações normativas de sexo, gênero e sexualidade através da exploração diária e experimentação” (JONES, 2009, p. 2) de um modo de vida outro.

Heterotopias *queer* são criadas no currículo cartografado quando as crianças viadas se juntam para inventar e disseminar um modo de vida transviado no currículo escolar. Gabriel, Laiane, Douglas, Luíza e Rodolfo, crianças-estudantes do quinto ano do ensino fundamental, são vistas com estranheza por estudantes e com preocupação por profissionais da escola pesquisada. As cinco crianças se conheceram na escola, algumas delas no primeiro ano do ensino fundamental, mas foi no terceiro ano que as linhas de força de suas histórias começaram a se agenciar. Tornaram-se amigas viadas. Todas elas, nesse período, começaram a perceber alguma diferença que fez com que os seus corpos infantis existissem sob o signo da precariedade. *Bicha*, *viado*, *Maria-homem*, *mulherzinha*, *piriguete*, *sapatão* são alguns dos adjetivos que circulam no currículo com a finalidade de ofendê-las. Para sobreviver, as crianças se juntam, fazem motim, lutam, compartilham medos, desejos, sonhos, saberes e vivências.

Na sala de aula, as crianças (des)viadas estão separadas por um mapa. A professora considera que Gabriel “influencia negativamente as demais”. Há medo de que a viadagem se espalhe no currículo. É preciso vigiar, distribuir os corpos de modo que a vigilância das normas seja meticulosamente calculada e efetiva. Entretanto, a estratégia falha. As crianças se comunicam como podem. Os seus corpos falam com gestos, olhares, sinais, sussurros. No recreio, juntam-se para brincar. Dançam funk, jogam, riem, compartilham o lanche, a música, a amizade, a gíria e a vida. Protegem umas às outras. Evidência disso foi o dia em que Gabriel foi defendido por Laiane e Luíza. Quando foi chamado de *bicha* e empurrado por um colega, sua amiga entrou em ação. Gritando, perguntou qual era o problema. Gabriel, sentindo-se fortalecido, com o corpo povoado por uma mistura de medo, tensão e força, bateu no peito e disparou: “Sou bicha mesmo, e daí?”.

A amizade, em um território atravessado por linhas de violência, diferenciação, hierarquização e precariedade, pode ter “um papel reparador: a amizade pode criar espaços afetivos que curam feridas infligidas por normas sociais” (CORNEJO, 2015, p. 137). Por meio da amizade, pequena heterotopia *queer*, as crianças viadas nos ensinam que, apesar de o currículo ser um território de normalização e controle, é sempre possível agenciar forças

capazes de fissurar as formas, produzir bons encontros, aumentar a potência dos corpos, criar saídas, fazer vazarem alguma coisa, existir na multiplicidade imanente à vida. Afinal, um currículo é território de possibilidade, abertura e criação. Em um currículo, como na vida, é sempre possível cair na linha de fuga de um devir e criar modos de vida outros.

Palavras-chave: Currículo. Crianças (des)viadas. Amizade. Heterotopia *queer*.

REFERÊNCIAS

CORNEJO, Giancarlo. Por uma pedagogia queer da amizade. *Áskesis*, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 130-142, jan.-jun., 2015.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs 1*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2013.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1 edições, 2013.

JONES, Angela. *Queer Heterotopias: Homonormativity and the Future of Queerness*. *Interalia – a journal of queer studies*, n. 4, p. 1-20, 2009.

PARAÍSO, Marlucy A. Currículo e Diferença. In: PARAÍSO, Marlucy A. (org.). *Pesquisas sobre Currículos e Culturas: temas, embates, problemas e possibilidades*. Curitiba, Editora CRV, 2010. p. 15-30.